



“Vênus Negra”: Os discursos médico-científicos do século XIX e a teoria da superioridade biológica criando preceitos cristalizados sobre a cor da pele.

João Lucas Fagundes Versiani Gusmão, Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos, Joanna Ribeiro Nogueira, Ana Paula Jardim Martins, Amanda Muniz Oliveira

Introdução

O declínio da monarquia européia no século XVII disseminou um individualismo moderno despontando novas teorias sobre como “os indivíduos devem ser agrupados de acordo com seus aspectos naturais” [1]. Com a filosofia natural experimental no fim do século XVII busca-se a descoberta de leis naturais para controlar a condição humana e com isso abandona-se a ontologia teológica dos séculos anteriores. A humanidade deixa de ser um organismo perfeito criado por uma autoridade divina, Deus, e passa a ser dividida entre dois, três, ou mais, graus de seres humanos, ou seja, raças. O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a percepção dos sentidos que os discursos médico-científicos produziram sobre o corpo da mulher negra, através da personagem Saartjie (ou Sarah) Baartman, denominada Vênus Hotentote, e suas representações durante o século XIX, usando como fonte o filme “Vênus Negra” (2010). Estamos tratando de um objeto que se coloca após a perda de efetividade de um discurso, o teológico, e se constitui como tal com a ascensão de outro, o científico, ambos frutos do seu tempo e das suas condições de emergência e de decadência. Estamos lidando com esse discursos na acepção foucaultiana, pela qual, de acordo com Moraes, os discursos são objetos autônomos, materiais e históricos, que constituem-se em utensílios ou instrumentos de pensamento [2].

Materiais e Métodos

A obra cinematográfica “Vênus Negra”, utilizada como fonte deste estudo, mostra a constituição dos enunciados da nova ciência, ou seja, a irrupção de um novo discurso que busca deslocar a justificativa religiosa da salvação das almas dos infiéis, para outra, a da diferença racial. Esse discurso toma como padrão as características dos brancos, que passam a representar a “normalidade”, exigindo o estudo das diferenças para explicar a inferioridade dos demais. O filme em questão busca perceber os sentidos que o discurso científico produziu sobre o corpo da mulher negra durante o final do século XVIII e século XIX, portanto, entender as novas regras que tornavam possíveis determinados enunciados. Tomando como base que o discurso submete-se a normas consensuais mesmo pertencendo a campos distintos, escolhemos analisar uma película cinematográfica, que não produz um discurso textual, mas desenvolve um conjunto de enunciados que torna possível entender as relações entre formações e práticas discursivas ali presentes. Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, nem as circunstâncias em que esse discurso se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática [3]. A noção de discurso enquanto prática, definida por Foucault como a relação da língua com “outra coisa”, vai se tornar um instrumento de análise bem interessante para penetrarmos no mundo constituído pelo discurso científico da diferença racial. Partindo da afirmação de que “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo” [4], podemos entender que as teorias explicativas das diferenças raciais eram formadas por diversos enunciados, relacionados entre si, formando um discurso. O discurso se caracteriza então como um conjunto de enunciados, sustentados por uma dada formação discursiva. Com a utilização do cinema pela história, surge a questão da utilização do mesmo enquanto documento. Mônica Almeida Kornis complementa dizendo que a análise fílmica e televisiva pode ser transformada em documento para a pesquisa histórica ao articular, ao contexto histórico e social que o produziu, um conjunto de elementos intrínsecos à expressão audiovisual [5]. Podemos observar então uma constante e crescente construção de uma leitura da sociedade a partir de filmes e mídias. Segundo Foucault, o historiador deve analisar o documento para uma pesquisa histórica de maneira que ele organize, recorte, ordene, estabeleça conexões, identificando o que é pertinente ou não para seu trabalho [6]. Em nosso trabalho analisaremos recortes de cenas do filme “A Vênus Negra” para assim destacarmos o que o discurso médico definia como “diferente”, “anormal” e “hipersexualizado” no corpo de Saartjie.

Resultados e discussão

A partir das representações de uma Vênus hipersexualizada, por um lado e de um povo que se encontrava na base da hierarquia civilizatória, por outro, podemos compreender os olhares dirigidos a Baartman em sua chegada à Inglaterra, em 1810. Ao analisar uma parte da história da sociedade Européia do século XIX através da “Vênus Hotentote”, o cineasta Abdellatif Kechiche reconstrói a exploração do corpo negro retratando o percurso de Saartjie Baartmann, a Vênus, por Londres e em Paris, ficando conhecida em dois círculos diferentes, primeiro entre o público de espectadores



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



que assistiam seus “espetáculos”, que atraíram a atenção do segundo círculo, formado por naturalistas e etnologistas, que avaliaram, observaram, descreveram, fizeram moldes de cera, analisaram de forma minuciosa cada detalhe de sua anatomia, viva e morta, considerado-a como o “outro”. O nome Vênus Hotentote gera uma ambiguidade criando um estereótipo. De um lado, a imagem da Vênus é ligada a beleza, a deusa do amor, uma referência a Afrodite Kallipygos, ou Vênus Calipígia, a das belas nádegas, cuja representação mais famosa é o mármore romano adicionado ao Museu Real de Nápoles; e por outro lado a de um povo com estatura em média de 1,37 m e com nádegas protuberantes (esteatopígia), denominado hotentote, que foi utilizado pelos colonizadores holandeses da África do Sul desde o século XVII como uma espécie de onomatopeia que descrevia os sons de clique característicos de alguns dialetos africanos. “Hot-en-tot” significava “gago” ou “alguém de cultura e intelecto inferior”.

Conclusões

A autora Lilia Moritz Shwarcz (1993) diz que não havia um conceito de “raça” no século XVIII. Falavam de ‘povos’ e ‘nações’ e jamais como raças diferentes em sua origem e conformação. A noção de “raça” emergiu nos finais do Séc. XVIII começo do Séc. XIX. Para Shwarcz, citando Stocking, quem introduziu o termo foi Georges Cuvier, com seus estudos sobre a Vênus Hotentote [7], gerando com ele diversos estereótipos e imagens do outro, principalmente aquelas relacionadas aos negros. Há uma construção da iconografia de hipersexualidade da mulher negra. Surge uma delimitação da diferença sexual entre os negros e brancos, a qual estabeleceu a sexualidade exacerbada da mulher africana, pronta para o consumo e por outro lado, o homem branco, como o oposto, sendo o padrão de normalidade e possuidor de uma prática sexual sadia. Os estudos sobre Sara e, portanto, sobre o corpo da mulher negra como anormalidade estão intimamente relacionados com o ideal de modernidade. Damasceno diz que “no momento em que o conhecimento científico torna-se a razão da modernidade é o corpo da mulher negra que serve para construir e solidificar o conceito de raça entre os cientistas”. Quando o discurso de autoridade constrói o conhecimento pautado no estereótipo, cria os regimes de verdade e legitima a perpetuação do imaginário acerca do negro. Abdellatif Kechiche afirma que o filme não retrata necessariamente apenas uma história do passado, pois o corpo da Vênus foi exibido até o fim do século XX e o que aconteceu com ela não é assim tão distante do discurso de certos políticos franceses e de alguns europeus, que depositam olhares preconceituosos sobre os estrangeiros em pleno século XXI. Ele quis propor com a película uma reflexão sobre nosso olhar, não apenas sobre o “outro” ou sobre o mestiço, mas sobre as imagens que consumimos. Dirigido por um tunisiano e com a atriz cubana Yahima Torres representando a personagem principal, Saartjie, percebemos um sentido da mestiçagem, trabalhado por Serge Gruzinski em sua obra “O Pensamento Mestiço”. Para ele, vivemos ainda hoje as influências do processo de mundialização que se iniciou com a expansão europeia no século XVI. Vivemos em mundos mesclados [8]. O estudo sobre as representações do corpo de Saartjie no filme a “Vênus Negra” é de grande importância, já que os estereótipos construídos nessa época tem como ressonâncias os discursos sobre negros e afro-descendentes na atualidade.

Referências:

- [1] STOLER, Ann Laura. Race and the Education of Desire. Foucault’s History of Sexuality and the Colonial Order of Things. Durham, N.C.: Duke University Press, 1995.
- [2] MORAES, Dislane Zerbiniatti. A Modernidade pedagógica no discurso médico do Século XIX. in.: Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação - PUCPR, 2004.
- [3] BOAS, C. T. V. Para ler Michel Foucault. Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, 1993.
- [4] FOUCAULT, Michel, A Arqueologia do Saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- [5] KORNIS, Mônica Almeida. Cinema, Televisão e História. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 56
- [6] FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.C
- [7] SCHWARZ, Lilia M. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições, e questão racial no Brasil – 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- [8] GRUZINSKI, Serge. O pensamento mestiço. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.